

**6 de Setembro de 2021**

## **Guiné, 1971 - Os Destacamentos de Fuzileiros Especiais Africanos DFE 21, DFE 22, DFE 23 (Parte III)**

### **Resumo da Actividade Operacional 1970/1974 - III**

Post reformulado a partir de outro já publicado em 20120507/20190401



*(clique para ampliar)*

### **1972**

Em Janeiro de 1972, o DFE 21 segue para Gampará para se juntar ao DFE 8 que já ali se encontrava sob o Comando Operacional do COP 7, nessa altura o Major de Cavalaria Correia de Campos. Por sua vez o DFE 13 foi rendê-lo em Vila Cacheu, ficando o DFE 4 em Ganturé.

As condições de vida em Gampará eram extremamente precárias, com barracas feitas de folhagens e ramos, valas à frente, ocupando uma das alas do estacionamento.

Faltava a água, as condições de higiene eram deficientes, a alimentação fornecida pelo Exército de muito fraca qualidade e em reduzida quantidade. Aliando a isto um ritmo operacional intensíssimo, o estado físico e moral da Unidade foi-se degradando progressivamente.

O DFE 22 continua com um grupo de assalto em Bolama e outro em Buba, mantendo-se em acção, quer com os grupos de assalto actuando isoladamente, quer reunindo-se todo o Destacamento, sempre que necessário.

No dia 15 de Janeiro, o 1TEN AN Amadeu Cardoso Anaia assume o comando daquela Unidade.

Em Gampará, os DFE 21 e DFE 8 têm atribuídas missões exclusivamente terrestres consistindo em patrulhamentos ofensivos nas áreas circundantes do estacionamento de Guanjuará. Em meados de Janeiro, aquele estacionamento é visitado pelo Comandante-Chefe, acompanhado por jornalistas estrangeiros.

No mês de Fevereiro os dois DFE de Gampará estiveram empenhados 24 horas por dia na protecção à construção da estrada Ganquecuta-Ganjuará, continuando com os patrulhamentos ofensivos. Aquele aquartelamento continua a receber visitantes ilustres, nomeadamente o CDMG, comodoro Carlos Alberto Magro Lopes e, de novo, o Comandante-Chefe com jornalistas estrangeiros.



A 5 de Março os Comodoros Magro Lopes e Moura da Fonseca que se encontravam em fase de rendição de funções no CDMG visitam Buba e Bolama, onde assistem à entrega de comando do DFE 22, pelo 1TEN FZE Rebordão de Brito ao 1TEN AN Cardoso Anaia.

Este Destacamento de Fuzileiros Africanos encontrava-se a operar com os oficiais e parte do pessoal armado com espingardas "Kalashnikov", chegando mesmo os elementos da secção que seguiam à frente da coluna a usar fardas capturadas ao PAIGC. Este ardil, por serem negros, poderia lançar alguma confusão entre os inimigos logo nos primeiros momentos, criando indecisões susceptíveis de serem aproveitadas com vantagem pelos Fuzileiros.

As dificuldades levantadas pelas condições geográficas de uma natureza hostil

aliadas por vezes às fatalidades da guerra não impediam, no entanto, que as missões fossem integralmente executadas.

A operação que os dois Destacamento de Fuzileiros foram incumbidos de realizar na região de Pobreza de 10 a 16 de Março de 1972, é disso um bom exemplo:

*«...Pelas 18.30 passou o pessoal da LFG para 10 botes que seriam guiados pelo radar para o ponto de desembarque. Como os botes iam bastante carregados, não conseguiam acompanhar a lancha, pelo que foi ordenado que fossem recolhidos para bordo da LFG. Pelas 20:00 chegou-se defronte ao ponto de desembarque. Aqui, aquando da passagem da LFG para os botes o 2Gr FZE 180/70/G do DFE 22 inadvertidamente descavilhou uma granada de mão que lhe causou a morte, bem como ferimentos ligeiros num sargento e mais três praças do DFE 21. Passados os primeiros momentos de desorientação que se seguiram ao rebentamento da granada, seguiu a primeira leva de botes para terra, tendo sido guiadas por radar para o ponto de desembarque. Várias tentativas em vão foram feitas para procurar uma abertura no tarrafo. Inclusivamente, houve pessoal que se lançou à água tentando rebocar os botes, mas o lodo chegava quase até ao pescoço, o que estava a provocar a incapacidade de utilização do armamento. (...) Cerca das 09:30, e sem protecção aérea, reembarcaram os dois DFE nas LDM (...) de braço dado com a LFG «Cassiopeia». Nesta formação chegaram a Bolama cerca das 14:00.*

*DFE 22, Operação “Rubi Vigoroso”, Março de 1972”*



No final do mês o DFE 22 foi destacado para Gampará de onde já saíra o DFE 21 para render o DFE 4 em Ganturé. Mais tarde, cerca de mês e meio depois,

conjuntamente com o DFE 13 e DFE 4 reforçou aquelas forças na operação “Vicking Furioso” a sul, no Cantanhês.

Em Abril, o PAIGC flagelou a cidade de Bolama durante cerca de dez minutos com seis foguetões de 122 mm. No dia do mesmo mês, tendo saído de Gampará numa acção que tinha por objectivo uma arrecadação de material inimigo referenciada na Pedra Agulha, foi o DFE 22 fortemente emboscado, reagindo de acordo com a clássica tática dos Fuzileiros que tão bem provou em África:

*“...Iniciada a progressão, atravessando a lala com o grupo aberto e com a primeira secção a deslocar-se com a segunda, emboscada, a dar-lhe protecção. Quando esta chegou ao ponto determinado montou a segurança necessária para que a segunda secção atravessasse a lala e se unisse à primeira. Quando esta secção se encontrava a meio do percurso foi fortemente emboscada à retaguarda. (...) O grupo de assalto reagiu pelo fogo avançando a peito descoberto para cima do inimigo, de tal modo, que estes debandaram precipitadamente deixando no terreno quatro mortos e rastos de vários feridos...”*

*DFE 22, Acção na “Pedra Agulha”, ABR72*



Esgotando o Bote para Transbordo para a LDM  
(Cubisseco – Operação em 20SET72) - Tabanca Noya

**“A SUPERIORIDADE DE FOGO E O MOVIMENTO ANDAM DE BRAÇO DADO.”**

*(Manuel de Tática do Fuzileiro Especial)*



Ainda durante o mês de Maio foi o DFE 22 substituído em Gampará pelo DFE 21. No decorrer do mês de Junho foi o aquartelamento violentamente atacado durante cerca de meia hora por um grupo inimigo com cerca de 20 guerrilheiros, bem equipados com armamento ligeiro, lança-granadas foguete RPG2, lança-granadas foguete RPG7 e morteiros de 60 e 82 mm provocando notáveis baixas. Foram contabilizados 1 fuzileiro morto, 10 feridos, bem como baixas causadas às forças terrestres e população.

No dia seguinte voltou a repetir-se o ataque durante duas horas mas com artilharia que incluiu foguetões de 122 mm, canhão sem recuo de 4.5/7.5 e ainda morteiro de 82 mm, desta feita sem consequências porque as nossas forças já tinham sido alertadas pela população das tabancas vizinhas com alguns elementos raptados pelo IN que, ao escaparem, forneceram preciosas informações.

Durante os cinco dias seguintes o pessoal permaneceu em postos de combate já que os indícios de forte actividade inimiga e as baixas sofridas nos ataques anteriores deixavam antever outras acções eminentes.

Entretanto, a situação no sul da Província tornava-se alvo de preocupação do Comando-Chefe, pois a actividade inimiga na área aumentara à medida que o esforço de guerra se deslocava para a fronteira norte. Em Julho de 1972 (*Directiva 10/72 do Comando-Chefe*) são atribuídos ao CDMG dois DFE para assalto e conquista da parte sul da península do Cubissecó. Esta seria uma tarefa típica de forças terrestres cuja finalidade primordial consistia em recuperar psicologicamente a população. É assim que a instrução de



operações emanada pela Comando de Defesa Marítima da Guiné em 21 de Julho determina:

*Âmbito da manobra militar socio-económica determinada instalação permanência forças região Cubisseco objectivo primordial recuperação psicológica POP (populações) permita construção próxima época seca reordenamento área. Ocupar tabanca região Cubisseco estabelecendo uma posição da qual possam ser conduzidas acções a fim de aniquilar IN exercendo interna acção psicológica sobre POP/IN com vista à sua recuperação e desequilíbrio de forças.*



Para esse efeito foi constituída a CTG5 e, a 24 de Julho, é lançada uma grande operação que se iria arrastar por quatro meses e meio com a finalidade de implantar, numa zona controlada pelo inimigo, uma base de onde seriam desencadeadas operações em todo o Cubisseco de Baixo e Pobreza. Era a Operação “Verga Latina”, onde se encontraram empenhados os dois Destacamentos de Fuzileiros Especiais Africanos.

O DFE 21, transportado pela LFG «Hidra», desembarcou às 07:30 na Ponta Nalu, e o DFE 22 que se encontrava a bordo da LDG «Bombarda», desembarcou às 06:30 junto às tabancas de Mansabá, reunindo-se os dois destacamentos no dia seguinte próximo da Tabanca Nova, onde foi montado estacionamento; continuando no local com trabalhos de desmatção e instalação, montaram de maneira expedita um aquartelamento que passou a ser designado por "Tabanca Nova da Armada".

Enquanto os Destacamentos Africanos se encontravam no Cubisseco entregues à Operação “Verga Latina”, os três DFE metropolitanos mantinham-

se em patrulhas e emboscadas ao rio Cacheu e seus afluentes, sendo que um em Vila Cacheu e os outros dois em Ganturé.

Em Agosto já o inimigo entendera que a intenção da Marinha era permanecer no Cubisseco, pelo que passaram a ser aguardados fortes ataques à Tabanca Nova da Armada. Havia então necessidade de se preparar a defesa, pelo que se cavaram trincheiras com valas e foram montados redutos de armas pesadas um com dois morteiros 120 mm; um com cinco morteiros 81 mm; um com três morteiros 81 mm; outro com dois morteiros 81 mm e um de 60 mm, possuindo mesmo um canhão sem recuo 7.5 capturado ao inimigo.



A 26 de Agosto o estacionamento foi flagelado pela primeira vez em ataques que se repetiriam, com maior ou menor violência, por seis vezes durante o mês de Setembro, mantendo-se os dois Destacamentos em intensa actividade na área, com excelentes resultados.

No dia 27 de Setembro, durante uma acção no Cauto, por heliassalto, o DFE 21 entra de novo em combate, ficando gravemente ferido o STEN FZE RN Carvalho Meneses, recém-chegado à Província.

Embora com meios cada vez mais sofisticados, o inimigo continua a adoptar a tática pura de guerrilha.

*"...Pareceu-me que o IN não se encontra em força na área. Conhecedor do terreno, sabe escolher os sítios onde pode fazer emboscadas com certo êxito e com elevada margem de segurança. Utiliza grupos pequenos para poder estar em vários lados ao mesmo tempo, cobrindo assim a quase totalidade da área. Mostram-se aguerridos mas cautelosos, pois ao mínimo movimento para manobra cortam o contacto e fogem..."*

*DFE 21, Operação "Verga Latina", Set72*

*"...Após flagelação a aquartelamento, as nossas tropas (NT) detectaram 9 munições de lança-granadas (LG 8.9) metidas dentro dos respectivos tubos, os quais estavam enterrados até metade e com uma inclinação de 45° na direcção do aquartelamento. Os fios de ignição estavam ligados em paralelo para um possível disparo em simultâneo..."*

I.O.M.G. n.º 9/72



Durante o mês de Outubro os dois Destacamentos Africanos que integravam a TG5 continuavam empenhados na Operação “Verga Latina”, acantonados na Tabanca Nova da Armada, durante esse período flagelada por quatro vezes, enquanto os DFE metropolitanos se mantinham em acção na fronteira norte, entregues a nomadizações, patrulhas e emboscadas terrestres ou aquáticas no rio Cacheu e afluentes.

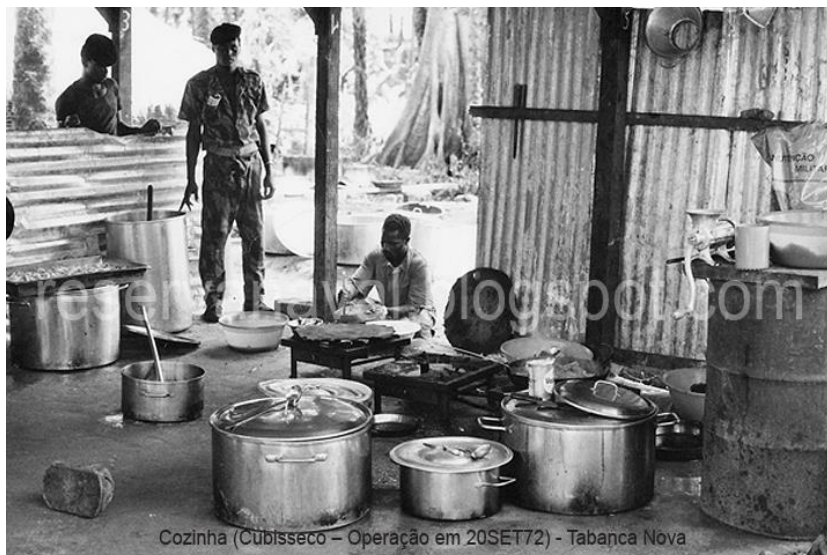
*"...Pelas 08:50 um grupo de assalto com elementos dos dois Destacamentos desembarcou [...], regressando ao estacionamento onde chegou pelas 18:15, tendo capturado uma espingarda Mauser, munições diversas, material diverso, três homens, onze mulheres e nove crianças. Pelas 18:20 foi este flagelado com fogo de morteiro 82 mm e canhão sem recuo, sem consequências..."*

Durante o mês de Novembro, o estacionamento de Tabanca Nova da Armada foi flagelado por onze vezes, algumas mesmo junto ao “arame” (perímetro defensivo), permanecendo os DFE 21 e 22 naquele estacionamento de onde efectuavam permanentemente patrulhamentos ofensivos na área.

Porém, foi entendido pelo Comando de Defesa Marítima da Guiné que os



objectivos que presidiam ao lançamento da Operação “Verga Latina”, que consistiam em “...recuperar psicologicamente a população do Cubisseco...”, não surtiram os efeitos desejados, já que a pouco numerosa população que vivia na área se encontrava perfeitamente enquadrada e mentalizada pelo inimigo. Foi por isso decidido retirar os dois Destacamentos, desactivando o aquartelamento.



No dia 17, ambas as Unidades iniciaram os preparativos para o abandono da Tabanca Nova e a 24, o DFE 21 saiu do estacionamento onde ainda regressou no princípio de Dezembro para participar como agrupamento de reforço e reserva na Operação “Oliva Castores”. A 9 de Dezembro é dissolvida a CTG5 com a partida definitiva dos DFE 21 e DFE 22 da Tabanca Nova da Armada.

Durante este mesmo mês, o dispositivo das Forças Navais foi alterado. Com o abandono da Tabanca Nova da Armada, o DFE 21 transitou para Vila Cacheu, ficando responsável por patrulhas e emboscadas terrestres e aquáticas naquele rio e afluentes enquanto o DFE 22, ao sair do Cubisseco, seguiu para Bolama, onde permaneceu até dia 26, data em que transitou para Cacine. Desde a saída da Tabanca Nova cessou toda a actividades operacional, ocupando o seu tempo nos trânsitos, descanso e preparação das novas instalações em Cacine.

Nos finais de 1972, teve início o esforço para reocupar a região sul da Guiné, nomeadamente o Cantanhês, área onde o inimigo se movimentava à vontade, apenas com a oposição esporádica das Forças Nacionais, tendo-se este tornado o objectivo prioritário do Comandante-Chefe. É então constituído o COP4 (Directiva 19/72 de 28 de Novembro do Comando-Chefe), ao qual são atribuídos os DFE 21 e DFE 22. A missão dos Destacamentos de Fuzileiros

